

Apesar de alguns problemas, o Ibes é um dos bairros de melhor infra-estrutura comercial e de lazer

Ibes cresceu pouco em 30 anos

Primeiro conjunto residencial do ES, o Ibes mantém problemas que datam de sua fundação

Nos seus mais de 30 anos, o Ibes pouco cresceu, segundo seus moradores. E nem poderia. Previamente traçado pelo extinto Instituto do Bem-Estar Social (Ibes) — sigla que serviu como nome de batismo a esse bairro de Vila Velha —, esse primeiro conjunto residencial do Espírito Santo não é mais dividido por categorias: setor dos comerciários, dos empregados da CVRD, dos funcionários públicos, e outros. Hoje, é um bloco só, fundidos os seis construídos no final da década de 50.

O número de casas, contudo, é o mesmo. Terreno baldio, só um. Comércio, bom, mas o mesmo de há 30 anos. Ônibus, muitos. Inovações, poucas: um supermercado de porte e um clube, um dos maiores da Grande Vitória. Problemas? Uma agência bancária mais próxima, um ponto socorro gratuito e uma delegacia. Na realidade, praticamente não existem: Banco é encontrado a um quilômetro da pracinha central, assim como a delegacia do bairro Santa Inês, e duas clínicas particulares estão instaladas no Ibes.

PORNOCHANCHADA E SHAO-LIN

Dotado de um comércio bem estruturado — o Instituto (Ibes) construiu na época um Centro Comercial e um Mercado, destruídos pelo fogo por volta de 1970 e reconstruídos seis meses depois —, o bairro consegue hoje ser o centro de toda uma região, de acordo com o comerciante Edmilson da Motta Pimentel:

“O Ibes mesmo não cresceu. Ele, só foi feito, e mau conservado. O comércio é o mesmo. Melhorou o calçamento. Antes, tudo era areia, e agora está asfaltado. O crescimento só se verificou em torno do Ibes. Os conjuntos Araçás, Novo México, e os outros, é que sustentam o comércio daqui. E considero o bairro como um bom mercado”.

Luís Carlos da Vitória, há 28 anos morando naquele bairro, tem outras lembranças: “Quando vim pra cá, não existia nada. E tínhamos de andar dois quilômetros até Aribiri, para pegar o bonde. Hoje, ônibus não falta, embora muita gente reclame. Falta uma agência bancária. Eles falam que aquela da rodovia Carlos Lindenberg é a do bairro. Mas lá — numa

distância inferior a dois quilômetros — não é Ibes. Tinha que ser aqui na pracinha. E precisava de uma delegacia também”.

A diretora da Escola de Primeiro Grau Florentino Avidos, Alda Passos Vervloet, também reclama quanto aos ladrões. Numa primeira vez, quebraram a janela de madeira de sua sala. Colocada a grade, posteriormente, arrombaram a própria porta. Pouca preocupada com os prejuízos, já que os ladrões quase nada encontraram nas duas invasões, Alda Vervloet destacou outras falhas. Mas não do bairro: “Escreve aí que estamos sem serventes. Retiraram duas, e só estamos com cinco, que são insuficientes”.

Deficiência de escolas, contudo, não há no Ibes. Além da Florentino Avidos — 1.500 alunos, 298 dos quais à noite, no supletivo, duas outras ensinam a mais de 2.000 pessoas. A Escola de 1º Grau Adventista é particular, tem 550 alunos e só funciona pelo dia, da primeira à oitava série. A Escola Celetista de 1º e 2º Graus Dr. João dos Santos Neves oferece cinco cursos profissionalizantes — Patologia, Desenho, Magistério, Contabilidade e Administração —, a Cr\$ 6 mil os dois mais caros, além de todo o 1º Grau, a Cr\$ 2,9 mil mensais, num total de 1.500 alunos.

O Ibes também é hoje o único bairro da Grande Vitória com cinema, o Aterac. Em estado precário, segundo os frequentadores, ele só consegue atender a uma pequena parcela dos moradores de toda região, devido aos próprios filmes anunciados: O Vale dos Amantes (até domingo), Sadismo, Shaolin, o Magnífico e Escalada da Violência.

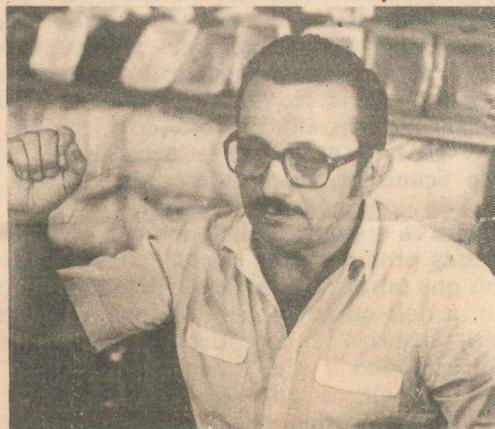
Essa não é, contudo, a principal reclamação. Com dificuldade de audição, Silvo Vieira, sentado na pracinha central, com 28 dos seus mais de 65 no Ibes, apontou outros: “A rua Darci Ribeiro, a minha rua, está abandonada. Não existe varredor. Se os moradores não a varrerem, ela fica suja. E não existe conservação dos bancos da praça. Quase todos estão quebrados...”

INSTITUTO BOVINO...

Histórias não faltam. A mais forte refere-se à rixa existente entre o Ibes e os



Cyro Denadai



Para Domingos Pimentel, o Ibes é o centro

demaís bairros próximos, como a Glória, principalmente na década de 60. Devido à própria sigla, os moradores de localidades vizinhas davam outra versão: em vez de Instituto do Bem-Estar Social, falavam Instituto Bovino do Espírito Santo.

Edmilson Pimentel, da Casa Fortaleza, de material de construção, inicialmente negou que soubesse de qualquer coisa a respeito, narrando, pouco depois, uma cena característica: “Eu fui ao cinema. Lá no Politiama, onde é o Santa Cecília. Tinha uma cena que o marido briga pela mulher, que o estava traindo. Então, ele, com a mão na cabeça, perguntou: ‘Pra onde eu vou?’. De repente, uma pessoa gritou, no cinema: ‘Vai pro Ibes’. Mas eram só brincadeiras entre pessoas conhecidas. Acontecia também de, enquanto se estava na fila do ônibus, aqui no bairro, outra pessoa passar e fazer um mugido de boi. Mas tudo já passou”.

Comerciantes vão poder reformar boxes no mercado

Os problemas enfrentados pelos comerciantes do Ibes — aqueles que têm boxes no Mercado ou no Centro Comercial e não podem reformá-los, por não serem proprietários — em breve terminarão. Agora, tanto eles como os moradores não terão mais de viver com os forros podres e a sujeira do Mercado.

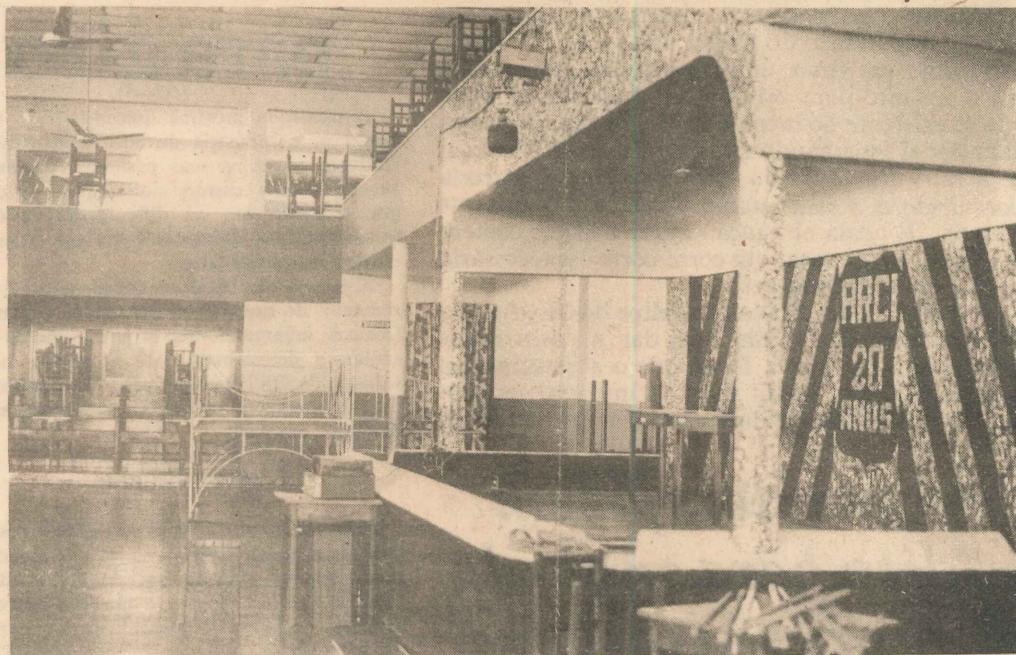
Dia 21 último, a Secretaria do Bem-Estar Social divulgou um edital no **Diário Oficial**, o primeiro passo para remodelação e melhoria do atendimento. "Convocamos os senhores locatários do Centro Comercial do Ibes e do Centro de Abastecimento Jones dos Santos Neves para no prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste Edital, comparecerem à sede da (...) Sebs (...) para regularizarem situações pendentes e pertinentes à legalização da posse dos referidos imóveis, inerentes ao processo de liquidação do Ibes".

"A precariedade do Mercado é consequência da situação vivida pelos comerciantes: não podem reformar, por não serem proprietários. Agora, com a decisão da Secretaria do Bem-Estar Social, o quadro será modificado. Só vejo vantagens nisto, pois as lojas serão mais bonitas, mais atraentes, ao contrário de hoje", afirmou uma das pessoas com boxe no Mercado do Ibes.

Cyro Denadai



O comércio no Ibes é bem movimentado



A Associação Recreativa e Cultural conta com um grande patrimônio

Em meio à crise, a Arci está em ótima situação

Em meio a notícias de concordatas e falências, qualquer sucesso empresarial desponta, ainda mais quando se trata de um clube. E a Associação Recreativa e Cultural do Ibes (Arci), fundada em 1963, tem conseguido vencer a crise: com uma grande sede — uma pista para seresta, outra para discoteque, uma sala de ginástica e atendimento médico para seus 2.600 sócios — em novembro concluirá as obras de sua quadra poliesportiva, coberta e taqueada.

LEVANTOU O CLUBE

As mensalidades variam entre Cr\$ 200 e Cr\$ 1 mil, preços bem acessíveis para o seu público, predominantemente as classes

média média e média baixa. Luís Carlos da Vitória, ex-diretor e atual administrador, atribui o êxito do clube à diretoria, principalmente a Hécio Andrade Mendes, que dirigiu a Arci nos últimos 10 anos: "Ele pegou tudo isso aqui penhorado, até as cortinas. E conseguiu levantar o clube".

Nos finais de semana, segundo Luís Carlos, a Arci, situada na praça Assis Chateaubriand, transforma o Ibes no centro, atraindo pessoas de todos os bairros vizinhos para suas promoções. E são elas que justificam o sucesso da Associação: "Sábado passado, com os Fevers, colocamos 3.800 pessoas aqui dentro, com os ingressos a Cr\$ 1,5 mil, para homens, e Cr\$ 1 mil, para mulheres. O lucro líquido foi de Cr\$ 2 milhões".